

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Coleção Leitura.

**Antônio Augusto Oliveira Gonçalves**

Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
Graduando em Ciências Sociais  
[antonio@soc.ufu.br](mailto:antonio@soc.ufu.br)

Paulo Freire (2010) discute em seu livro **Pedagogia da Autonomia** a importância de alguns saberes indispensáveis a prática educativa-crítica, um deles é que o discente deve, desde o início de seu processo formador, ser sujeito na construção de saberes. A transferência de conhecimento é algo totalmente antagônico com a proposta de Freire. Para ele, o educador não modela o educando lhe dando uma forma – em outras palavras, uma formação –, ambos são sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

Freire esboça, no primeiro capítulo do livro, “Não há docência sem discência”, os meios pelos quais os educadores podem alcançar uma abordagem crítica do processo de ensino-aprendizagem. No item “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”, Freire enfatiza que devemos exercer o processo de assunção, assumir-se enquanto sujeito cultural, social, histórico e político. A prática docente representa um fator crucial na assunção do indivíduo. O autor sublinha que a educação, além de promover a transposição do senso comum ao crítico, também deve se preocupar com os sentimentos, as relações no meio escolar, a “significação dos gestos” e a importância da “aprendizagem informal”. Segundo Freire, os gestos do professor com aluno podem dar mais segurança e enveredar os caminhos do discente. Assim, os “gestos” dos indivíduos na escola são dotados de significação. A educação, em sentido abstrato e concreto, não está suspensa no ar, mas possui um forte lastro na sociedade. Portanto, aproveitar as relações humanas e sociais para dar mais significação e teor à assunção dos indivíduos e ao processo de aprendizagem é uma estratégia necessária e ao mesmo tempo grandiosa.

No segundo capítulo, “Ensinar não é transferir conhecimento”, o autor ressalta que a prática docente detém uma significação de suma relevância para constituir a criticidade dos educandos. O docente, em sua regência, não deve conceber o objeto de estudo apenas pelos

aspectos aparentes, auferindo dos alunos um mero silêncio homérico como é realizado na “educação bancária”. O professor que “deposita” os conhecimentos em seus alunos e na avaliação confere o “saldo”, exerce o “ensino bancário”. Nessa perspectiva, o aluno não pensa de forma crítica os conteúdos, fixando seu olhar nas formas de ser do objeto e não nos nexos causais que determinam a existência do próprio objeto de estudo. Entretanto, outra concepção educativa mais problematizadora da realidade que preconize traços dialéticos de exposição e tenha a prática libertadora como condição *sine qua non*, deve ser construída. Freire sublinha que o aluno pode ultrapassar os limites da “educação bancária”, ser insubmisso, aventurar-se, indagar-se e analisar criticamente os saberes. O ensino requer rigorosidade metódica, pesquisa, ética, decência, estética e criticidade. O educador deve ir a fundo, conceber o objeto de maneira crítica, transcendendo a “primeira dentição” dos fatos e fenômenos. Este processo só é possível mediante a rigorosidade metódica ao aproximar dos conteúdos escolares.

O exercício docente progressista permite perceber que tanto nós quanto os nossos saberes tem historicidade. No processo de ensino-aprendizagem desnudamos o conhecimento construído e por intermédio da pesquisa podemos construir o conhecimento ainda não existente. O professor não deve apenas ensinar os conteúdos aos alunos, pois além de educador ele é também pesquisador. Isto não se trata de uma qualidade do docente, mas de uma característica elementar. A atividade educativa deve estar impregnada com novidades e atualidades, deixando os educandos inquietos e cada vez mais interessados. O educador pode utilizar os conhecimentos produzidos na “prática comunitária” para exemplificar e relacionar com os saberes curriculares essenciais ao educando. O conhecimento concretizado pelo empirismo, por meio do senso comum, deve criticizar-se, rigorizar-se, transitando para a curiosidade “epistemológica”. A curiosidade muda seu teor, porém continua sendo curiosidade.

Os alunos com objetivo de entender e explicar o mundo, que por sinal não foi uma criação sua, incrementa-o com a sua aura inventiva. Na tentativa de compreender as coisas mundanas, o educando é movido pela curiosidade e aprende os saberes existentes para elaborar novos conhecimentos, construí-los a partir da rigorosidade. A formulação de um pensamento crítico na compreensão do aprendido torna os alunos cada vez mais curiosos e, portanto, mais dispostos a

aprender. O educador também deve ter em vista a assimilação e aceitação do novo e se contrapor a discriminação. O preconceito é incompatível com a educação progressista. É fundamental nesta transição do senso comum ao crítico que o docente leve em conta a formação ética dos alunos. O exercício educativo também se pauta na corporeificação das palavras pelo exemplo. O professor não pode recair em contradições, as suas ações e palavras devem estar em sintonia, ou seja, deve existir o simulacro entre o discurso e a ação praticada.

A concepção freiriana de educação é análoga à estrutura de um espetáculo teatral. Em uma peça temos o cenário, atores e um campo de comunicação entre eles. No espetáculo, os atores se envolvem com o cenário, se envolvem entre si, dialogam, trocam informações e conhecimentos. A educação defendida por Paulo Freire corresponde a esse aporte metafórico do teatro. Nela temos os seguintes atores: professor e aluno; docência e discência. O palco de atuação destes atores é a educação progressista. Como na peça teatral nenhum dos atores são objetos, todos são sujeitos. Os sujeitos são indispensáveis para compreensão do que se passa naquela cena. A relação entre professor e aluno é balizada pela existência de sujeitos. O professor quando ensina, aprende ao ensinar e o aluno quando aprende, ensina ao aprender. No ensino “bancário”, o professor é o sujeito que transfere conhecimentos aos alunos, o aluno é meramente um objeto que recebe os saberes expostos pelo mestre. De acordo com Freire, o aluno não é o objeto do professor que pode ser moldado e enquadrado, tampouco o professor não é objeto do aluno, ambos são sujeitos. Nesse sentido, a história do processo de ensino-aprendizagem propicia abstrair um enfoque epistemológico fundante: primeiro aprendemos para depois ensinar. Portanto, o ato de ensinar está diluído na experiência de aprender, um não existe sem o outro. Assim, é fundamental a “dialogicidade” entre os atores, regente e alunado, no cenário educativo.

O pensar certo é o alicerce na formação da prática docente crítica. O formando (aprendiz de educador) tem que formar o pensar certo dentro de si mesmo em compartilhamento com o docente formador. O pensar certo tem como efeito a superação da ingenuidade pela rigorosidade. Nesse processo, o formando deve analisar a si mesmo e exercer uma reflexão crítica sobre a prática. Há uma relação dialética entre a prática e a teoria, porém a consciência teórica, quase sempre, está a reboque da práxis humana. Poderia interpretar esse processo descrito por Freire

inserindo a seguinte metáfora. A prática e a teoria devem estar extremamente próximas uma da outra, como numa mistura de ovos, farinha e fermento na massa de um bolo. Essa mistura que garante o sabor do bolo e não os “ingredientes” isolados.

Outra exemplificação que poderia ajudar a elucidar os conceitos apresentados em seu livro sobre a “educação bancária” é no ensino de História e Geografia, no âmbito da educação brasileira. Essas disciplinas deveriam ser expostas por mais de um ponto de vista para contribuir que o aluno construa uma visão global do conteúdo e, se possível, alcance a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. As ditaduras militares na América Latina sempre foram vistas como opressoras da esquerda, dos comunistas. Já nos perguntamos o que os rebeldes de esquerda fizeram para terem sido perseguidos pelos regimes militares? Não estou fazendo nenhuma apologia a regimes totalitários, apenas querendo demonstrar que na escola concebem-se, geralmente, os acontecimentos históricos, geográficos e políticos sobre uma única perspectiva ou dimensão.

*Ad postremum*, a obra de Freire é um antídoto a supremacia dada à regência. A perspectiva clássica considerava o ato de ensinar como o escopo das atividades escolares e o aprender era uma mera consequência da ação de ensinar, deixando os alunos se adaptarem as atividades magistrais. Na contramão da abordagem clássica, o arcabouço freiriano estabelece uma mediação dialética, a responsabilidade partilhada entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, a pedagogia da autonomia de Freire age como um feixe de luz fecundo na emancipação do educador e educando, porém pouco adianta uma “teoria-teórica” da realidade, se não nos atermos a outra face da moeda, reflexão crítica e a prática.